

**Presidenta da República:** Dilma Rousseff

**Ministério do Trabalho e Emprego -  
Ministro de Estado do Trabalho e Emprego:**  
Carlos Daudt Brizola

**Secretário Executivo:** Paulo Roberto dos  
Santos Pinto

**Secretaria Nacional de Economia Solidária  
- Secretário Nacional de Economia  
Solidária:** Paul Israel Singer

**Secretário Adjunto:** Roberto Marinho Alves  
da Silva

**Chefe de Gabinete:** Daniela Gomes Metello

**Diretor do Departamento de Estudos e  
Divulgação:** Valmor Schiochet

**Diretor do Departamento de Fomento à  
Economia Solidária:** Manoel Vital de  
Carvalho Filho

**Coordenadora Geral de Promoção e  
Divulgação:** Regilane Fernandes da Silva

**Coordenador Geral de Comércio Justo e  
Solidário:** Antônio Haroldo Pinheiro  
Mendonça

**Coordenador Geral de Fomento à  
Economia Solidária:** Ary Moraes Pereira

## **CÁRITAS BRASILEIRA**

**Endereço:** SGAN – Av. L2 Norte  
Quadra 601, Módulo F  
CEP:70830-010 / Brasília - DF  
**Site:** www.caritas.org.br  
**E-mail:** caritas@caritas.org.br  
**Telefone:** +55-61-3521-0350  
**Fax:** +5561-3521-0377

## **DIRETORIA**

**Presidente:** D. Flávio Giovenale  
**Vice-Presidente:** Anadete Gonçalves Reis  
**Diretor Secretário:** Pe. Evaldo Praça Ferreira  
**Diretor Tesoureiro:** Ainaldo Luiz de Lima

## **COORDENAÇÃO COLEGIADA**

**Diretora Executiva Nacional:** Maria Cristina  
dos Anjos da Conceição  
**Coordenador:** Jaime Conrado de Oliveira  
**Coordenador:** Luiz Cláudio Mandela

Realização:



Parceria:



Secretaria Nacional de  
**Economia Solidária**

Apoio:

Ministério do  
**Trabalho e Emprego**



# **SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA: REFERENCIAIS, ETAPAS E FERRAMENTAS PARA O PROCESSO DE SISTEMATIZAÇÃO**



**Brasil Local – Articulação Nacional**

**Centro Nacional de Formação em Economia Solidária – CFES Nacional**

*Coordenação geral*

Ademar Bertucci

*Equipe Brasil Local*

João de Jesus da Costa

Tauá Lourenço Pires

Vanda Maria Fernandes

Equipe CFES Nacional

Ivette Tatiana Castilla

Rosana Kirsch

**Elaboração do texto desta publicação**

Ademar Bertucci

Ivette Tatiana Castilla

Rosana Kirsch

Vanda Maria Fernandes

Assessoria externa: Domenico Corcione

**Edição:** Cooperativa Catarse - Coletivo de Comunicação

**Revisão:** Rosana Kirsch e Tatiana Castilla

**Projeto gráfico e diagramação:** Rafael Corrêa e Sarah Brito

**Impressão:** Ideograf

**Tiragem:** 1.300 unidades

**Foto da Capa:** Bordado do Empreendimento Misturando Arte (Porto Alegre, RS)

Agradecemos a cada educador-a que participou dos Seminários sobre Sistematização, promovidos pelo CFES Nacional, e contribuíram para a produção do conhecimento que buscamos apresentar nesta publicação.

É permitida a reprodução integral ou parcial para fins não comerciais desde que citada a fonte.

Disponível para download em [www.cirandas.net/cfes-nacional](http://www.cirandas.net/cfes-nacional)

O conteúdo deste texto não reflete necessariamente a opinião do Ministério do Trabalho e Emprego.

Brasília, agosto de 2012.

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>03</b>
<b>ECONOMIA SOLIDÁRIA: QUEM SOMOS E O QUE ESTAMOS FAZENDO</b>	<b>06</b>
NOSSOS REFERENCIAIS	06
NOSSOS ENFRENTAMENTOS E DESAFIOS	08
<b>CONCEPÇÃO DE SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS</b>	<b>10</b>
O QUE A SISTEMATIZAÇÃO TEM A VER COM AS NOSSAS PRÁTICAS	10
<b>A MULTIDIMENSIONALIDADE DA SISTEMATIZAÇÃO: NOSSAS MOTIVAÇÕES E REFERENCIAIS</b>	<b>15</b>
MULTIDIMENSIONALIDADE DA SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS	15
NOSSAS MOTIVAÇÕES	16
REFERENCIAIS	17
REFERENCIAIS POLÍTICOS	17
FONTES INSPIRADORAS	18
CAMPOS DA SISTEMATIZAÇÃO	21
<b>ETAPAS PARA SISTEMATIZAR UMA EXPERIÊNCIA EM ECONOMIA SOLIDÁRIA</b>	<b>23</b>
ELABORAR O PLANO DE SISTEMATIZAÇÃO	24
REALIZAR O TRABALHO DE CAMPO	29
CUIDADOS IMPORTANTES NO TRABALHO DE CAMPO	29
INTERPRETAR A EXPERIÊNCIA: CONSTRUINDO E RECONSTRUINDO NARRATIVAS	32
PASSAGEM DOS REGISTROS PARA A 1ª NARRATIVA	32
O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE VÁRIAS NARRATIVAS	33
COMUNICAR E DIVULGAR AMPLAMENTE A EXPERIÊNCIA SISTEMATIZADA	36
<b>INSTRUMENTOS E FERRAMENTAS DE APOIO PARA A SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS</b>	<b>39</b>
LINHA DO TEMPO	40
O MAPA DE IDEIAS OU MAPA MENTAL	42

PARA QUE SERVE UM MAPA MENTAL?	43
AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DE UM MAPA MENTAL	44
COMO CONSTRUIR UM MAPA MENTAL	44
DIÁRIO DE CAMPO E ENTREVISTA	46
TABELAS, PLANILHAS E QUADROS DEMONSTRATIVOS	48
ICONOGRAFIAS	52
MAPA TERRITORIAL	53

## **CONCLUINDO: UNIDADE NA DIVERSIDADE**

## **PARA SABER MAIS SOBRE SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS**

## **PÁGINAS NA INTERNET**

43
44
44
46
48
52
53
<b>57</b>
<b>60</b>
<b>62</b>



## **APRESENTAÇÃO**

Quando falamos de sistematização de experiências voltadas para práticas de trabalho associado temos em vista a construção e o fortalecimento da economia solidária (ES). Como educadoras-es e agentes de economia solidária, nosso trabalho precisa contribuir com este objetivo, provocando reflexões junto às (aos) trabalhadoras (es) sobre seu trabalho, sobre mudanças e saberes originados a partir dele, bem como sobre as transformações necessárias na sociedade. O desafio que temos está em participar de maneira ativa dessa transformação e não somente realizar mobilizações ou atividades formativas.

Uma preocupação presente no movimento de economia solidária está no fato de muitas vezes colocarmos mais ênfase no ativismo do que na reflexão. Nessa perspectiva, a sistematização apresenta-se como um instrumento de reapropriação crítica da realidade com o objetivo de transformação social. Quando as/os trabalhadoras-as/educadoras-es não refletem sobre sua prática, alienam-se de seu processo de trabalho, deixam de perceber a singularidade dessa vivência e de relacionar a própria ação com o contexto em que estão inseridos-as.

Assim, consideramos de fundamental importância sistematizar as mais diversas experiências de economia solidária. Tanto aquelas que possuem uma longa história e caminhada, quanto aquelas que estão dando os primeiros passos.

Este Caderno de Formação, foca principalmente na importância de sistematizarmos as experiências que ocorrem a partir da dinâmica

dos empreendimentos, como também aquelas promovidas a partir de organizações de assessoria, de modo que se identifique quais as metodologias e perspectivas de educação que efetivamente estão sendo consolidadas e como a ação do-da educador-a/agente vem contribuindo para o fortalecimento da economia solidária.

Além disso, este Caderno de Formação apresenta o que a Cáritas Brasileira construiu sobre sistematização de experiências em Economia Solidária nos diferentes âmbitos de sua atuação: nacional, regional, local. Sua ação junto ao movimento de economia solidária nos diferentes territórios brasileiros, sua experiência de mais de 50 anos no campo popular e, mais recentemente, o trabalho desenvolvido nos projetos Brasil Local e Centro Nacional de Formação em Economia Solidária (CFES). Foi a partir dos encontros e das reuniões das equipes destes dois projetos, realizadas entre 2009 e 2011, que nasceu a ideia de publicação deste caderno. Ambos projetos são ações governamentais implementadas a partir da Cáritas Brasileira, que foi selecionada por edital público. O CFES Nacional iniciou suas atividades em 2009, tendo como objetivo formar educadoras-es da e para a economia solidária, na perspectiva de fortalecer o projeto de sociedade justa, sustentável e solidária. E o Brasil Local é um projeto voltado para o desenvolvimento local, o fortalecimento comunitário e a geração de trabalho e renda por meio da economia solidária, tendo como fio condutor a atuação de Agentes de Desenvolvimento Solidário.

O Caderno se propõe a servir como instrumento de formação de educadoras-es, agentes da economia solidária e lideranças comunitárias. Pretende contribuir com os próprios objetivos da sistematização: observar e analisar os processos vivenciados

coletivamente, realimentar e favorecer o aprimoramento da prática social e seu potencial multiplicador e socializar novos conhecimentos por meio de várias linguagens.

Este Caderno não é algo acabado. Nascido de reflexões e experiências de sistematização, pretende contribuir para o aprofundamento do tema. Por isso sugere, no decorrer de cada uma das cinco partes, um pequeno roteiro de reflexão e discussão, que possa servir de instrumento pedagógico para outros espaços formativos coletivos.

Esperamos que este subsídio ajude a fazer conhecer e divulgar nossas experiências em economia solidária. Que o aprendizado de um grupo seja compartilhado com outro grupo e, deste, para outros ainda. E que nesta partilha de conhecimentos e práticas, sempre seja colocado algo a “mais”, isto é, o novo conhecimento produzido por um novo coletivo.

## **ECONOMIA SOLIDÁRIA:**

### **QUEM SOMOS E O QUE ESTAMOS FAZENDO.**

Nesta primeira parte do Caderno explicitamos a concepção e os referenciais da sistematização que se firmaram ao longo da trajetória da economia solidária e foram assumidos, também, pelos projetos Brasil Local e CFES Nacional.

Para isso, partiremos dos referenciais e da nossa identidade, contextualizada nos desafios da sociedade em que vivemos. Desta forma, ficarão mais claros o significado e a importância da sistematização, seus objetivos e o papel que é chamada a desempenhar em nossa ação enquanto educadoras-es da economia solidária.

### **NOSSOS REFERENCIAIS**

Fazemos parte de uma grande rede de economia solidária. Nessa rede construímos nossas práticas e afirmamos nossas convicções. A concepção de sociedade que defendemos tem como centro as pessoas e a natureza, não o capital. Ressaltamos a solidariedade, a autogestão, a justiça social, a diversidade de opiniões. Além disso, reafirmamos a sustentabilidade como um novo paradigma de desenvolvimento. Lutamos pela construção de um mundo justo, onde todas-as tenham direitos, acesso à educação e ao trabalho digno. Implementamos processos educativos que enfatizam a discussão de gênero e da reprodução da vida como parte da

economia. Entendemos que precisamos refletir nossas ações desde cada um, de nossa casa, da comunidade, do coletivo. Trabalhamos pela construção de novas relações entre homens e mulheres nas práticas cotidianas, contrapondo a atual divisão sexual do trabalho. Reconhecendo e valorizando a pessoa como parte do processo produtivo e parte de outros processos de convivência e relações de respeito com a natureza.

Buscamos fortalecer a organização dos trabalhadores e trabalhadoras em torno de um projeto econômico-social e político que se fundamenta na valorização do trabalho autogestionário. Ao mesmo tempo em que denunciemos a exploração do trabalho, criticamos a lógica capitalista, patriarcal excludente e opressora que fragmenta o ser humano e divide a sociedade entre “compradores e vendedores” de força de trabalho. Desenvolvemos processos educativos que anunciam relações de poder igualitárias e fundamentadas na cooperação, autogestão e equidade das relações de gênero, construindo outra sociabilidade, outra sociedade, outra forma de produção da vida.

Acreditamos que a finalidade da atividade econômica está nas pessoas. Nesse sentido, os processos produtivos e educativos fundamentam-se no exercício prático da autogestão, contribuindo para que todas-as-as-os envolvidas-os possam resgatar os sentidos do trabalho, afirmando sua autonomia enquanto construtores (as)e história e de cultura. Nesta vivência da autogestão, visamos a superação da divisão entre patrão e empregado, entre um que manda e outro que obedece.

Nas últimas décadas, vivenciamos uma enorme diversidade de experiências, espalhadas de norte a sul do Brasil. São múltiplas práti-

cas, interligadas, que se inspiram nos povos tradicionais, nas comunidades indígenas e quilombolas. Também, que se organizam em ações integradas de produção e comercialização, cadeias produtivas, feiras e fundos solidários, bancos comunitários. Trata-se, afinal, de uma grande rede, pela qual se promove uma imensa variedade de experiências que se articulam e se multiplicam.

## NOSSOS ENFRENTAMENTOS E DESAFIOS

Na sociedade em que vivemos, as ideias dominantes continuam sendo as ideias da classe dominante, como dizia “o velho Marx”.

Os grandes meios de comunicação e os costumes arraigados nas práticas do dia a dia da maioria da população – e até no meio da gente - nos confundem. Às vezes nos passam a impressão de que jornais, TV e revistas de maior circulação estão falando as mesmas coisas nas quais a gente acredita.

Uma análise atenta nos faz descobrir que nosso projeto é outro, que estamos falando e fazendo coisas bem diferentes. Apostamos no Desenvolvimento Solidário, Sustentável e Territorial (DSS-T) como um processo endógeno de mobilização de forças populares e de potencialidades econômicas locais. Com a finalidade de implementação de mudanças que proporcionem a elevação das condições de vida da população local, em harmonia com o meio ambiente e com a participação ativa e solidária da sociedade em autogestão. Ao mesmo tempo, estamos atentas-os para os desafios para além do território, para os grandes impactos da globalização capitalista.

Conscientemente rejeitamos:

- Valores que consideram o ter acima do ser;
- Interesses individuais priorizados sobre os sociais e coletivos;
- O lucro, colocado em primeiro lugar;
- As “boas aparências” procuradas obsessivamente;
- Novas necessidades, criadas artificialmente.

Nossas práticas e lutas por uma economia solidária e por um projeto de desenvolvimento sustentável são suficientemente reconhecidas, mas muitas vezes são esquecidas ou eliminadas da história oficial. Como diria Chico Buarque, “nossa dor não sai no jornal”. Quando divulgadas, muitas vezes, nossas experiências não são interpretadas pela visão dos companheiros e companheiras que as vivenciaram.

A sistematização tem a ver com tudo isso. Vamos tentar explicar melhor, a seguir.

### PARA REFLETIR E DEBATER EM GRUPO:

- **Como percebemos nas nossas práticas – individuais e coletivas – que estamos fazendo economia solidária?**
- **Quais as nossas estratégias para afirmar a economia solidária e diferenciá-la de outras propostas, como o empreendedorismo, por exemplo?**
- **Quais dificuldades encontramos ao fazer a economia solidária?**
- **Como manter viva a memória das práticas de economia solidária?**
- **O que tudo isso tem a ver com a necessidade de sistematizar as experiências que estamos vivenciando?**

## CONCEPÇÃO DE SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS

A sistematização é herdeira de todo o acúmulo construído ao longo da trajetória histórica da Educação Popular na América Latina. Paulo Freire – um dos grandes educadores brasileiros desta longa caminhada - dizia que “mais vale uma única experiência avaliada e sistematizada, do que mil ações nunca analisadas e reinterpretadas criticamente”. Esta afirmação nos faz compreender melhor que:

**A sistematização nos ajuda a refletir de forma crítica sobre o que estamos fazendo, nos fortalece na luta e nos realimenta com nossos grandes referenciais de mudança.**



**O QUE A SISTEMATIZAÇÃO TEM A VER COM AS NOSSAS PRÁTICAS**

A sistematização é um poderoso instrumento do qual precisamos, para:

**Manter viva a memória** de nossas práticas de economia solidária;

**Explicitar nosso olhar sobre a sociedade, o mundo e a vida**, a partir da recuperação e interpretação crítica das experiências que vivenciamos;

**Dar um novo sentido às práticas sociais** que estamos vivenciando, de modo que possamos enfatizar: o que estamos aprendendo com elas; em que elas se diferenciam das ideias e das práticas dominantes; em quais valores acreditamos; e quais mudanças estamos e queremos implementar;

**Rever e redirecionar nossas práticas**, na medida em que descobrirmos que ainda não superamos a ideologia dominante e não conseguimos ser coerentes com nossas crenças e valores;

**Evidenciar e enfatizar os valores em que acreditamos, bem como novos conhecimentos e saberes**, em contraposição aos conhecimentos e saberes que ainda predominam em nossa sociedade.

Tudo isso tem a ver também com o que fazemos, sentimos, produzimos, trocamos e compartilhamos em economia solidária.

Qualquer experiência de economia solidária expressa sempre muito mais do que possa aparentar à primeira vista. Por exemplo, quem observar – de fora – a experiência de padarias comunitárias de Curitiba, integrada na Rede da ES, **poderá ser levado a crer que se trata apenas de um mecanismo de busca por sobrevivência**, criado por mulheres, que foi se multiplicando cada vez mais por meio de novos grupos. Mas, não é somente isso que se descobre numa recente narrativa de sistematização desta experiência, que foi elaborada no Projeto Brasil Local. Nela **aparecem outras dimensões e valores**:

a dimensão de gênero, pela qual as mulheres foram se assumindo enquanto protagonistas de seu próprio desenvolvimento;

o valor da solidariedade;

o crescimento em auto-estima;

a capacidade organizativa e articuladora;

a nova relação entre produção e consumo...

Outros conhecimentos e saberes...

Afinal, a narrativa de sistematização da experiência de padarias comunitárias das mulheres foi elaborada por elas de modo a conferir àquela experiência um **significado novo**, que não estava evidenciado antes da própria sistematização, nem se confunde com os falsos valores da sociedade de consumo onde vivemos. Desta forma, a narrativa da experiência - por estar expressando valores e crenças inovadores - trouxe **novos conhecimentos e saberes**:

o “saber fazer o pão” de forma diferente da grande maioria das padarias onde compramos nosso pão de cada dia;

as “receitas” que não fabricam apenas bolos ou doces especiais e apetitosos, mas vidas vividas intensamente, em solidariedade e comunhão...

Nessa mesma narrativa de sistematização podemos encontrar vários depoimentos de mulheres, confirmando o que dissemos acima:

“Sentimos a aceitação do povo em nossa comunidade. Isto faz a diferença, porque as pessoas tem a preferência pelos nossos produtos.”



Dautina Rodrigues da Silva, apoiadora da Padaria Comunitária Nossa Senhora Auxiliadora, disse:

“Trabalho há 12 anos na Padaria Comunitária. Sinto-me em família. Lutamos juntas, sofremos juntas e levamos a luta adiante. Nas padarias comunitárias as pessoas são bem recebidas, particularmente as mais pobres.”



A partir de tudo o que refletimos anteriormente fica mais fácil compreendermos a concepção compartilhada de sistematização que foi se firmando no decorrer dos processos de discussão no Projeto Brasil Local e nas atividades do CFES. Em síntese, esta concepção poderia ser assim traduzida:

A sistematização é um processo coletivo de recuperação, interpretação e reapropriação crítica da prática vivenciada por participantes de uma experiência. Nesse processo, são incorporados diversas vozes e olhares, que agregam conhecimentos e saberes das pessoas ou grupos envolvidos. Esse processo realimenta e favorece o aprimoramento da prática social e seu potencial multiplicador, tendo em vista a transformação da sociedade.



## PARA REFLETIR E DEBATER EM GRUPO:

### Dinâmica “Concorda-Discorda? Por quê?”:

Formar grupos de até 4 pessoas. Cada grupo debate as três frases abaixo e decide se concorda ou se discorda com cada uma delas. O grupo deve elaborar argumentações sobre seu posicionamento.

Depois se confrontam as respostas e opiniões dos grupos:

*A sistematização é o **resgate crítico da trajetória de uma experiência**, feito com muito profissionalismo e fidelidade por alguém, para um grupo que a tenha vivenciado e que pretenda publicá-la amplamente.*

*A sistematização pode ajudar a **refletir de forma crítica** sobre o que estamos fazendo, fortalecer a luta e realimentar nossos referenciais de transformação social.*

### Para conversar em grupo:

*Conhece alguma experiência que foi sistematizada? Qual?*

*O que o grupo sabe sobre a sistematização realizada?*

*Quais as descobertas feitas durante o processo de sistematização?*



## A MULTIDIMENSIONALIDADE DA SISTEMATIZAÇÃO: NOSSAS MOTIVAÇÕES E REFERENCIAIS

Nesta terceira parte do Caderno regataremos as várias dimensões da sistematização e o que nos pode motivar a fazê-la. Em seguida, abordaremos alguns importantes referenciais: de caráter político; e os campos da sistematização.

### MULTIDIMENSIONALIDADE DA SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS

A sistematização é constituída por várias dimensões:

- Contém como central a **produção de conhecimentos e sentidos**: reconstruir, interpretar, teorizar, re-significar.
- Implica em **comunicar e socializar** com outros (as) o conhecimento gerado.
- Tem o caráter de **experiência pedagógica**, para quem dela participa: formação e autoformação.
- Contribui para **potencializar e/ou re-significar a prática sistematizada**: consolidação de práticas consideradas bem sucedidas ou que estejam enfrentando dificuldades, redefinição de estratégias de trabalho.

São todas dimensões interrelacionadas, que se desenvolvem no decorrer da sistematização, enfatizando ora um aspecto, ora outro.

## NOSSAS MOTIVAÇÕES

Entendemos que o que nos leva a sistematizar experiências é a possibilidade de:

- Registrar e resgatar a trajetória da experiência, de modo a compreender melhor e aprimorar nossa própria prática.
- Valorizar e potencializar a identidade do coletivo e os saberes tradicionais.
- Extrair ensinamentos da experiência, compartilhá-los, de modo que se fortaleça seu potencial multiplicador.
- Servir de base para processos de teorização sobre a prática vivenciada, considerando a relação ação-reflexão-ação.
- Contribuir para fortalecer a autogestão dos grupos das organizações, favorecendo - inclusive - uma melhor compreensão do papel de cada pessoa envolvida.
- Identificar no aprendizado extraído da experiência não somente os aspectos positivos, mas, sobretudo, os desafios, entraves, tensões e contradições, facilitando a identificação de respostas e soluções adequadas.
- Favorecer uma maior participação do poder popular nos momentos de gestão e uma melhor incidência em políticas públicas.

De forma mais geral, o que nos motiva é a **construção coletiva de conhecimentos e saberes**, que – dando continuidade à trajetória da Educação Popular na Economia Solidária – consolidam a convicção de

que “uma outra economia já acontece”. Assim como nos auxiliam na busca de uma sociedade sustentável: outro mundo é possível!

## REFERENCIAIS

Podemos distinguir nossos referenciais em políticos, fontes inspiradoras e campos da sistematização. Apresentamos abaixo uma breve reflexão sobre este tema com o objetivo de que cada educadora busque ampliar suas leituras ou conhecê-los um pouco mais.

### REFERENCIAIS POLÍTICOS

Encontramos referenciais políticos, com os quais nos afinamos, nos documentos das Conferências de Economia Solidária, Plenárias e Oficinas Nacionais de Formação em Economia Solidária e a Carta de Princípios do FBES.

Outro referencial político é o Projeto Político Pedagógico da economia solidária, que está em elaboração pelo projeto CFES. Este documento, elaborado em diversos encontros de educadores-es realizados pelo país, de 2009 a 2012, apresenta a concepção de sociedade e de educação que está sendo construída a partir da

Um outro mundo é possível!



economia solidária. É um instrumento teórico-metodológico que contém princípios, diretrizes e propostas de ação, a fim de contribuir para a reflexão, organização, sistematização e re-significação das atividades desenvolvidas nos espaços educativos, orientando e fundamentando um conjunto de ações pedagógicas. Neste documento afirmamos a Pedagogia da Autogestão, que em processo de gestação vem se construindo por meio das práticas educativas que ocorrem no espaço do trabalho autogestionário. Uma pedagogia baseada na produção de conhecimentos a partir das práticas, dos estudos, da partilha e da elaboração conjunta do processo educativo. Afirmamos a autogestão como princípio e como prática da economia solidária, que se vivencia nos diferentes momentos e espaços, sendo o espaço educativo também seu lugar.

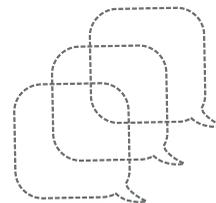
Enquanto referencial político, as bandeiras da Economia Solidária se somam a outras bandeiras dos demais movimentos e organizações populares: pela reforma agrária, luta das mulheres, campanha contra os agrotóxicos, pela Ética na Política, direitos humanos, reconhecimento dos povos e comunidades tradicionais entre outras.

### FONTES INSPIRADORAS

**Educação Popular:** No Brasil temos acesso a muitos escritos e práticas em educação popular, onde a partilha, o reconhecimento dos diferentes saberes e a leitura crítica do mundo são aspectos fundamentais no processo educativo. O estudo de Paulo Freire e de outras (os) educadoras (es) deste campo são necessários para a nossa ação e reflexão.

**Contribuições sobre sistematização de experiências:** as (os) educadoras (es) da economia solidária têm se apoiado em distintos métodos e instrumentos para sistematizar experiências. Entre os métodos, a proposta de Oscar Jara inspira diversos autores-as e práticas de sistematização. O método sugerido por Elza Falkembach também está presente nas abordagens das (os) educadoras (es) da economia solidária. Na região Sul, os coletivos de educadoras (es) criaram o Trem da Sistematização, um método em elaboração que apresenta uma linguagem popular e usa da imagem do trem para favorecer a compreensão do processo de sistematização.

### MÉTODOS DE SISTEMATIZAÇÃO: PRINCIPAIS ETAPAS



Preparação:

- aproximar os agentes
- caracterizar a experiência
- definir o foco da sistematização

Realização:

- aprofundar alguns conceitos
- organizar informações
- recuperar o processo
- avaliar a prática
- sintetizar as reflexões
- apresentar conclusões

Socialização e realimentação da prática:

- divulgação da sistematização.



Ponto de partida: ter participado da experiência e ter o registro das experiências.

Perguntas iniciais:

- Para que queremos? (definir o objetivo)
- Que experiência(s) queremos sistematizar? (delimitar o objeto a ser sistematizado)
- Que aspectos centrais dessa experiência nos interessa sistematizar? (definir um eixo de sistematização)

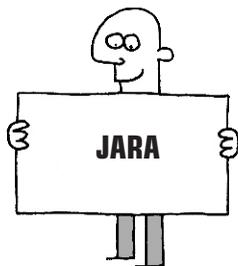
Recuperação do processo vivido:

- Reconstruir a história
- Ordenar e classificar a informação.

Reflexão de fundo: analisar, sintetizar e interpretar criticamente o processo

Pontos de chegada:

- Formular conclusões
- Comunicar a aprendizagem



## TREM DA SISTEMATIZAÇÃO

Estação: elaboração do plano de sistematização

Locomotiva: identificação do que mobiliza a sistematização, bem como agentes animadores do processo.

Trilhos: fundamentação teórica.

Vagões: resgate histórico da prática, definição do eixo e foco.

Destino/horizonte: reflexão em torno dos aprendizados gerados a partir da experiência sistematizada.

Diário de viagem: comunicar a sistematização em forma de produto/s.



Estes métodos favorecem as sistematizações das práticas em Economia Solidária. Coloca-se como nossa tarefa de educadoras-es divulgar e aprimorá-los, a partir da prática e reflexão, estas propostas.

## CAMPOS DA SISTEMATIZAÇÃO

•Enfatizamos **três campos distintos**, mas complementares, que aparecem em nossos processos de sistematização:

- Experiências e práticas vivenciadas em **empreendimentos** de Economia Solidária.
- Experiências e práticas vivenciadas em **organizações do Movimento** de Economia Solidária.
- Experiências e práticas de **educação** em Economia Solidária.

Consideramos importante a escolha de experiências relacionadas com qualquer um destes três campos, pois todas contribuem de fato para a implementação de processos de sistematização coerentes com a missão específica do conjunto da rede de Economia Solidária.





### PARA REFLETIR E DEBATER EM GRUPO:

*Quais as leituras que o grupo já realizou sobre os referenciais políticos e fontes inspiradoras do trabalho com sistematização? Partilhe seus saberes sobre estas leituras e/ou organize momentos de leitura dos textos apresentados no final do caderno.*

*Por que a sistematização pode contribuir para o fortalecimento da gestão participativa de uma organização popular?*

*Como a sistematização de uma experiência pode ajudar a melhorar a incidência em políticas públicas pelas pessoas que a vivenciaram?*

## ETAPAS PARA SISTEMATIZAR UMA EXPERIÊNCIA EM ECONOMIA SOLIDÁRIA

Após a explicitação da concepção e dos referenciais de sistematização assumidos pelos projetos Brasil Local e CFES Nacional, avançamos para o passo a passo do processo de sistematização de uma experiência da Economia Solidária. As várias etapas do caminho que vamos abordar nesta parte do Caderno poderão servir de subsídio também para outras experiências do campo popular.

Consideramos que a sistematização não é mera descrição de experiências, mas uma releitura crítica de uma prática concreta, devidamente contextualizada e capaz de fazer identificar avanços e limites, extrair lições e aprendizagens. Para se chegar a esta releitura, se faz necessário que os-as principais envolvidas-os na experiência participem ativamente do processo sistematizador, passando pela construção/reconstrução de uma sistematização.

O caminho para sistematizar uma experiência em economia solidária pode passar por quatro etapas, distintas, mas complementares:

- Elaborar o plano de sistematização;
- Realizar o trabalho de campo;
- Realizar o trabalho de interpretação da experiência, construindo e reconstruindo narrativas;
- Comunicar e divulgar amplamente a experiência sistematizada.

Procuraremos, nesta segunda parte, descrever cada uma destas etapas.



## 04 ETAPAS DA SISTEMATIZAÇÃO

1. Elaborar o projeto

2. Realizar o trabalho de campo

3. Realizar o trabalho de interpretação da experiência

4. Publicar a narrativa conclusiva

### 1. ELABORAR O PLANO DE SISTEMATIZAÇÃO

Aqui se trata de realizar, de forma coletiva - com as pessoas e grupos envolvidos na experiência a ser sistematizada – um breve plano, no qual sejam explicitados vários pontos:

#### **A Justificativa:**

É o POR QUE da sistematização que se pretende fazer ou a importância da sistematização da experiência. É o conjunto das razões de sua necessidade. Ao falar da justificativa é conveniente fazer também referência a aspectos do contexto onde a experiência está inserida.

Ao explicitar a justificativa percebe-se, muitas vezes, que é preciso realizar uma ação sensibilizadora no grupo que vivenciou a experiência e junto a outras pessoas e organizações envolvidas, de modo que a decisão de sistematizá-la parta da consciência de

sua necessidade e potencialidade, favorecendo a aglutinação do maior número possível de pessoas em torno deste processo.

#### **Os objetivos:**

Aqui se trata de explicitar os PARA QUE do processo e dos produtos da sistematização. Afinal: o processo e seus produtos deverão servir para que? Também aqui será oportuno se referir aos aspectos do contexto sócio-econômico-político-cultural e ambiental da experiência: problemas aos quais a experiência tentou dar respostas. Afinal, um dos objetivos da sistematização deverá ser a reapropriação crítica pelos-as envolvidas-os das tentativas de respostas ou enfrentamentos aos desafios postos pelo contexto da experiência.

Em nosso caso, o contexto diz respeito à territorialidade, como parte da estratégia do Desenvolvimento Solidário Sustentável e Territorial DSS-T. Este aspecto, ajuda a delimitar e dar o foco. Estamos nos referindo à concepção do DSS-T e à noção de desenvolvimento territorial explicitada em documentos do movimento de economia solidária e sempre recorrente nas ações de articulação do CFES e do Brasil Local.

#### **A concepção de sistematização** pela qual se fez a opção:

Nesta parte do plano precisamos responder qual o significado e importância atribuímos à sistematização? É assim que fizemos no 1º capítulo deste Caderno. A leitura das fontes inspiradoras para a sistematização contribuem nesta elaboração.

**A escolha dos eixos temáticos da experiência** que se pretende sistematizar:

Um exemplo disso é a escolha feita pelo projeto Brasil Local ao definir dois eixos para todas as experiências às quais foram realizadas sistematizações. Um eixo se refere aos impactos sociais do projeto Brasil Local, relacionados com a busca de mudanças na vida das pessoas envolvidas. O segundo eixo refere-se ao papel desempenhado pelos Agentes de Desenvolvimento Solidário (ADS). Neste sentido, o projeto Brasil Local buscou identificar nas experiências da economia solidária as mudanças tanto individuais quanto coletivas e que estão relacionadas com as mudanças no território onde a experiência se localiza.

#### **Como será feito o trabalho de campo:**

Neste ponto é importante apresentar como se pretende fazer para encontrar as informações para reconstruir a experiência e responder às questões postas no início do processo de sistematização. Aqui se trata de planejar o trabalho de campo e as condições favoráveis ao processo de interpretação da experiência selecionada.

#### **Algumas perguntas podem ajudar:**

- *Quais pessoas ficarão responsáveis pela animação do plano de sistematização?*
- *Quais pessoas ou grupos serão convocados para que deem contribuições no processo de sistematização?*
- *Que atividades serão realizadas para resgatar os fatos e suas interpretações: articulações, reuniões, oficinas, visitas?*
- *Quais são as datas, prazos e responsáveis para cada atividade?*

- *Quais metodologias serão utilizadas nas atividades previstas (instrumentos e ferramentas participativas, perguntas provocadoras e orientadoras...)?*
- *Como será feito o levantamento do que já existe sobre a experiência que se deseja sistematizar (textos, livros)?*

#### **Comunicação e a divulgação da experiência sistematizada:**

Identificar com o grupo para quem se pretende socializar a experiência sistematizada, os instrumentos que serão usados para fazer circular o produto final da sistematização (vídeo, livro, caderno, cordel...) e os custos correspondentes.

Uma vez elaborado o plano da sistematização, inicia-se a próxima etapa: o trabalho de campo.

#### **ROTEIRO PARA SISTEMATIZAÇÃO**

Roteiro de questões elaborado pelo projeto Brasil Local para a sistematização de experiências de economia solidária.

#### **Quando e onde** a experiência começou?

Quais os **principais aspectos do contexto** onde a experiência está situada? Quais questões ou problemas merecem ser destacados nos aspectos sócio-ambiental, econômico, político e cultural do contexto, de modo que se compreenda melhor a contribuição da experiência?

Quais foram os principais **atores sociais** e parceiros envolvidos?

Houve **mudanças importantes** na vida das pessoas envolvidas? Quais? Por que são consideradas importantes?

Como agiram os **agentes de economia solidária**? Contribuíram no desenvolvimento da experiência? Como?

O que merece ser destacado como relevante na experiência? Tem **algo que parece inovador** nesta experiência? Por quê?

Que aportes críticos podemos incorporar, na avaliação da experiência, com a **contribuição de assessores (as) e parceiros (as)** oriundos/as de várias áreas de conhecimento (economia, pedagogia, ecologia, antropologia, política...)?

O que esta experiência apresenta enquanto **potencial de efeito multiplicador**, para outras experiências?

Quais as principais **dificuldades e fragilidades** que identificamos na experiência, considerando os objetivos iniciais, seu desenvolvimento e os resultados alcançados? Quais fatores causaram as fragilidades?

Que cuidados deveriam ser tomados para **enfrentar e superar os limites** identificados?

Que **orientações** a experiência sugere para outras experiências de economia solidária?

Como tem sido a **relação desta experiência com as políticas públicas territoriais e/ou nacionais**? Houve articulação? Quais dificuldades foram enfrentadas? Que avanços foram alcançados?

## 2. REALIZAR O TRABALHO DE CAMPO

Trabalho de campo quer dizer que devemos “entrar em campo” para colocar em prática o que está previsto no planejamento em relação à coleta de informações, opiniões e sentimentos das pessoas e grupos envolvidos na experiência. Para isso:

**Resgataremos todos os dados, registros e informações existentes** sobre o contexto e a trajetória da experiência, desde seu início, enfatizando sua evolução. Para esta coleta poderão ser feitas visitas “de campo” e entrevistas a famílias, pessoas e grupos em seu lugar de moradia ou trabalho, tendo formulado previamente um roteiro de perguntas e questões.

**Procuraremos garantir a escuta de várias “vozes”**, isto é, das pessoas que possam de fato contribuir para juntar e ordenar os “pedaços” da experiência. Costuma-se chamar isso de “polifonia”, isto é, a escuta de “muitas vozes”.

**Realizaremos atividades com o coletivo de pessoas e/ou grupos responsáveis pelo resgate e compartilhamento das vivências e conteúdos da experiência.** Poderemos fazer reuniões, oficinas, conversas virtuais, rodas de conversas, entrevistas e outras iniciativas...

### CUIDADOS IMPORTANTES NO TRABALHO DE CAMPO

É preciso tomar um cuidado especial com o método de colher e registrar dados.

A gravação de um grande número de entrevistas pode ser, por exemplo, muito interessante. Mas antes de proceder à utilização do gravador, será oportuno avaliar:

As pessoas entrevistadas não se sentirão inibidas ao falar em frente ao gravador?

Depois das entrevistas, teremos condições de transcrever tudo o que gravamos?

Teremos tempo suficiente para fazer todo esse trabalho?

É importante se garantir bons registros de informações que possam servir na sistematização de uma experiência. Para isso, são necessárias anotações acerca de dados do contexto socioambiental, econômico, político e cultural, bem como da caminhada da experiência, da contribuição de pessoas e grupos envolvidos, das distintas leituras interpretativas, de impactos alcançados, fragilidades e avanços, lições extraídas, projeção de novas estratégias...

Contudo, esta garantia não significa que se deva armazenar uma quantidade exagerada de registros, correndo-se o risco de que uma parte deles não venha a ser nem utilizada. Afinal, ao fazer as anotações, será conveniente se perguntar o que realmente vale a pena anotar.

Na seleção de informações é bom lançar mão de dados primários e secundários. Ambos são úteis. Contudo, o desafio é ponderar em que medida tornam-se necessários diante do que queremos priorizar em nossa sistematização:

**Os dados primários** são aqueles que podem ser obtidos por nossa observação direta ou por meio de entrevistas que fazemos com

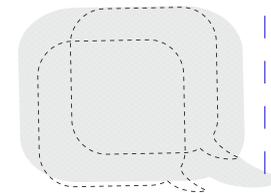
pessoas e grupos envolvidos ou, ainda, pela reflexão coletiva ou individual sobre a experiência.

**Os dados secundários** são extraídos de pesquisas, análises ou estudos feitos por outras pessoas ou instituições que se debruçaram anteriormente sobre o contexto ou aspectos específicos relacionados com a experiência a ser sistematizada. Afinal, antes de realizar longas pesquisas, é bom procurar o que foi escrito ou produzido anteriormente. Será oportuno se perguntar: o que vamos priorizar de tudo aquilo que é preexistente?

Quando tiverem sido coletadas todas as informações necessárias, por meio do trabalho de campo, estarão criadas as condições adequadas para se passar a outra etapa: a interpretação da experiência. Procuraremos detalhar, a seguir, esse novo passo.

#### **PARA REFLETIR E DEBATER EM GRUPO:**

*Quais os cuidados necessários para se assegurar bons registros no decorrer do trabalho de campo?  
Como pode se assegurar, no trabalho de campo, as diferentes visões e vozes das/os envolvidos na experiência?*



### 3. INTERPRETAR A EXPERIÊNCIA: CONSTRUINDO E RECONSTRUINDO NARRATIVAS

Para se fazer a sistematização de uma experiência, é fundamental elaborar coletivamente uma narrativa que expresse:

- os principais dados da experiência coletados no trabalho de campo;
- e sua interpretação ou reapropriação crítica, pelas (os) envolvidos (as).

Para a obtenção de uma satisfatória narrativa final da sistematização, são necessários pelo menos dois cuidados que destacamos abaixo:

#### PASSAGEM DOS REGISTROS PARA A 1ª NARRATIVA

Nesta etapa, trata-se de selecionar e aprimorar as informações registradas, considerando a necessidade de explicitar três principais componentes da narrativa a ser construída:

**O contexto** onde a experiência se desenvolveu (o espaço/território): Aqui deve-se buscar inserir somente as informações que sejam suficientes para a compreensão da experiência. Não é necessário fazer demoradas análises do contexto.

**A descrição da caminhada da experiência**, em seu passo a passo, evidenciando principais atores e atrizes, articulações e parceiros/as envolvidos/as, mudanças ocorridas e impactos alcançados ou que se buscou favorecer. Aqui o desafio será reconstruir a evolução da experiência, seus passos mais importantes, deixando de lado os detalhes excessivos.

**A análise interpretativa da experiência, com sua dimensão avaliativo-projetiva.** Aqui é conveniente identificar principais avanços, dificuldades e limites, lições aprendidas e orientações projetadas pelos envolvidos/as, para a continuidade ou efeito multiplicador da experiência. Neste terceiro componente, o cuidado maior deverá ser com a escuta dos principais envolvidos/as, seus sentimentos, opiniões, visões e aprendizados. Contudo, é importante considerar - também aqui - a “polifonia” dos demais participantes ou colaboradores/as da experiência, isto é, as múltiplas vozes – como dizíamos acima - que estiveram presentes na caminhada da experiência ou nesta fase de reflexão crítica sobre a mesma, com suas análises e interpretações.

Na polifonia, as diferentes percepções deverão ser bem trabalhadas, de modo que se possa:

1. Identificar ou construir a percepção mais consensual e diferenciar aquelas complementares, bem como outras que o grupo não quiser assumir coletivamente;
2. Dimensionar – novamente - o que se pretende realmente sistematizar, incluindo interpretações diferenciadas sobre um mesmo fato.

Toda essa busca assume uma dimensão político-pedagógica. Será oportuno, por isso, ter sempre como referência a identidade do grupo que está sistematizando a experiência e desenvolver um paciente exercício de construção coletiva.

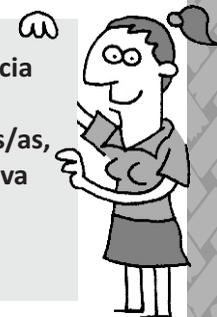
### **O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE VÁRIAS NARRATIVAS**

Após o trabalho de campo, no decorrer das primeiras socializações orais da experiência – em reuniões ou oficinas, será conveniente escolher e encarregar algumas pessoas para anotarem as múltiplas falas: de quem a vivenciou; de quem está ajudando a refletir sobre a mesma, apesar de não ter se envolvido diretamente; de quem vivenciou experiências semelhantes; de assessores/as e parceiros/as que deram aportes relacionados com várias áreas do conhecimento humano.

Assim, depois de reuniões ou oficinas - as anotações e registros poderão ser transformados em narrativa. Cada narrativa será socializada e aprimorada em outra reunião ou oficina. Assim, a narrativa será aprimorada novamente e gerará uma segunda ou uma terceira versão. Isso poderá acontecer várias vezes. A tendência é que cada narrativa venha a ser melhor do que a anterior.

Não existe uma receita que defina quantas narrativas se fazem necessárias para se chegar àquela que possa ser considerada conclusiva. O segredo é fazer a revisão e reflexão coletiva sobre cada narrativa, procurando inserir ajustes por meio do registro de novas contribuições críticas, sejam elas complementares ou corretivas.

**Caberá ao coletivo que está sistematizando a experiência perceber e verificar em que momento os-as participantes se sintam plenamente contemplados/as, a ponto de considerarem que a nova versão da narrativa dá conta do que queriam que fosse alcançado no processo de sistematização.**



Nessa busca para se produzir uma narrativa cada vez mais aprimorada, até se alcançar consensos progressivamente mais amplos, deverão ser considerados também eventuais prazos pré-determinados. Tais prazos poderão interferir sobre o número de versões preliminares a serem produzidas antes que se chegue à narrativa final.

Uma vez que se tenha elaborado a narrativa conclusiva, só faltará a última etapa: a comunicação e divulgação. É isso que vamos ver a seguir.

### **PARA REFLETIR E DEBATER EM GRUPO:**

Dinâmica “Concorda-Discorda? Por quê?: Formar grupos de até 4 pessoas. Cada grupo debate as três frases abaixo e decide se concorda ou se discorda com cada uma delas. O grupo deve elaborar argumentações sobre seu posicionamento. Depois se confrontam as respostas e opiniões dos grupos:

- Não existe uma receita que defina quantas narrativas se fazem necessárias para se chegar àquela que possa ser considerada conclusiva. O ideal é que se elaborem pelo menos duas narrativas: uma, logo após o trabalho de campo; outra para melhorar a primeira.

•Na descrição do contexto, é conveniente inserir o maior número possível de informações, de modo que sejam suficientes para à compreensão da experiência.



•A sistematização de uma experiência exige pessoas muito capacitadas, que saibam escrever bem e tenham habilidade para incorporar conhecimentos, saberes e sentimentos das pessoas envolvidas. Poucas pessoas têm condições de fazer isso.

#### **4. COMUNICAR E DIVULGAR AMPLAMENTE A EXPERIÊNCIA SISTEMATIZADA**

A comunicação da experiência faz parte integrante do processo de sistematização. Isto quer dizer que nenhum grupo ou organização sistematiza apenas para si. Desde o início do processo deverá estar bem enfatizada a intencionalidade de publicizar a experiência, para que a mesma se difunda, circule, gere debate, troca de saberes e várias formas de intercâmbio.

Um desafio é que a sistematização seja socializada e divulgada da forma mais ampla possível, priorizando pessoas e grupos que estejam afinados com os ideais e as práticas de quem vivenciou diretamente a experiência. Para isso, é preciso se definir bem a modalidade da comunicação do produto final da sistematização. Esta

definição dependerá das decisões tomadas ao elaborar o Plano Inicial:

Para quem se direciona a sistematização da experiência?

O que queremos alcançar ao publicarmos nossa sistematização?

A quem se destina o produto de nossa sistematização?

Pretendemos divulgar mais a economia solidária? Como?

Desejamos fortalecer os processos formativos internos? Como?

Temos enquanto propósito alcançar maior incidência em políticas públicas?

Fica evidente que essas questões deveriam ter sido levantadas e respondidas por ocasião do planejamento do processo de sistematização. Contudo, se for necessário, podem ser retomadas e aprofundadas na hora do detalhamento relativo à forma da comunicação da experiência sistematizada.

Dar respostas às perguntas acima mencionadas dependerá também da linguagem a ser usada e o acesso que se tem a tecnologia de comunicação que seja considerada mais apropriada e viável. Igualmente deve ser considerada a disponibilidade de recursos financeiros para o processo de sistematização. Dentre as possibilidades, podem ser usados os mais variados formatos de comunicação:

Vídeo

Panfleto

Manual didático

Almanaque





Revista

Caderno, no formato tradicional ou com “fichas soltas”



Peça teatral



Cartilha ou livro

Mostra fotográfica

Spots de rádio, com entrevistas e reportagens



Poema



Cordel

Música



Página na internet

Iconografia, desenhos ou outras formas de comunicação visual, sobretudo para públicos que não acessam ainda à cultura letrada.

A escolha de um ou outro formato dependerá sempre dos objetivos e do público definidos no plano inicial da sistematização. O formato da comunicação deverá sempre considerar: linguagem, cultura e tipo de necessidades do público ao qual se destina o produto.

Apresentamos nesta parte do caderno as quatro etapas do processo de sistematização. A próxima etapa pretende ser mais um subsídio, trazendo instrumentos ou ferramentas de apoio para cada um dos passos da sistematização.



## INSTRUMENTOS E FERRAMENTAS DE APOIO PARA A SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS

É conveniente que se usem – oportunamente - as ferramentas mais adequadas, que possam contribuir nos vários momentos ou etapas da sistematização.

É bom lembrar que existem muitas ferramentas. Apesar de serem utilizadas para outras finalidades - diagnósticos, pesquisas, planejamentos, monitoramentos, avaliações... - se revelam muito úteis na sistematização, fazendo as devidas adequações, num ou outro momento do processo. Algumas delas vêm sendo adotadas na prática dos CFES e nas experiências participantes do projeto Brasil Local tendo sido “experimentadas” em Oficinas vivenciadas em âmbito regional ou nacional.

Nesta terceira parte do Caderno destacaremos algumas:

Linha do Tempo;

Mapa Mental ou de Ideias;

Planilhas ou Quadros Demonstrativos;

Mapas Territoriais;

Entrevista semi-estruturada;

Diário de Campo.

Mas, existem muitas outras. O principal desafio é o de conhecer o significado e o funcionamento de cada um de tais instrumentos. A partir desse prévio conhecimento será possível descobrir também

como cada qual pode ser utilizado e os cuidados para seu uso adequado em cada processo de sistematização.

Recomendamos que as ferramentas sejam selecionadas de acordo com o objetivo específico de cada momento do processo sistematizador, lançando mão de uma boa dose de criatividade.



### LINHA DO TEMPO

A linha do tempo surgiu como um instrumento didático muito utilizado no estudo da História para favorecer a visualização da sucessão de fatos e processos históricos que se quisesse focalizar, assim como de sua extensão no tempo. Aos poucos passou a assumir variações metodológicas e de visualização, se tornando em instrumento de reconstrução da trajetória de qualquer experiência vivenciada. Assim, pode ser útil também para se reconstituir a caminhada de uma experiência de economia solidária e de seu contexto. Esta reconstituição é fundamental no processo de sistematização. Sem fazer isso, ficará mais difícil se realizar a reapropriação crítica do que tenha sido vivenciado.

A expressão “Linha do Tempo” pode sugerir uma visão meramente linear da história, mas não é nesta ótica que a percebemos. Sabemos que a história humana – bem como aquela de uma experiência concreta de economia solidária – não é linear, não caminha sempre na mesma linha ou direção. Pelo contrário: qualquer experiência passa por altos e baixos, avanços e retrocessos, conquistas e derrotas. Afinal, usando a expressão “linha do tempo” queremos nos

referir ao conjunto de métodos que podem contribuir para reconstituir uma experiência que se pretenda sistematizar.

A Linha do Tempo ajudará muito, na medida em que mantiver e obedecer alguns princípios e orientações metodológicas, fazendo as devidas adequações. Com esta finalidade, ressaltaremos, a seguir, algumas orientações de maior peso:

**É importante se estabelecer uma periodização**, que favoreça uma boa compreensão para o grupo que vivenciou a experiência e busca sistematizá-la. Isso é particularmente necessário quando se trata de uma experiência que durou muitos anos. Será importante identificar períodos da história da experiência. Esta periodização dependerá da compreensão e interpretação acerca do itinerário ou caminho desta ou daquela experiência, bem como de sua relação com o contexto social mais amplo.

**É conveniente se discernir “texto e contexto**: o “texto” é o desenrolar da própria experiência. O “contexto” é o espaço mais amplo, local, territorial, regional ou nacional onde a experiência se desenvolveu. Será preciso, também, ter o cuidado para que não se perca o foco da experiência. Isto é, o eixo temático que se pretende focalizar e desenvolver. A descrição do “contexto” não poderá jamais ser mais ampla do que o “texto” e o foco que tenha sido selecionado inicialmente.

**É indispensável a capacidade de relacionar fatos e processos, o “on-tem” com o “hoje”** da experiência, refletindo criticamente sobre a mesma, extraindo lições e projetando novas estratégias.

**É recomendável o uso de métodos de visualização considerados mais adequados às possibilidades e ao imaginário do grupo que sistema-**

**tiza sua própria experiência.** Isso não significa, necessariamente o desenho linear de uma cronologia. Pode-se usar métodos e imagens diversas: o trem, como aquele criado pelo CFES Sul; o desenho de montanhas, onde os altos e baixos poderão melhor expressar o “caminho irregular” da experiência vivenciada; o desenho de um rio, que poderá retratar o caminho tortuoso de outra experiência a ser reconstituída... E assim por diante. Em cada imagem ou desenho haverá sempre a possibilidade de sinalizar algum tipo de periodização e a dimensão cronológica da experiência, para se ter a visualização de sua trajetória. As imagens que estamos sugerindo remetem ao uso de outra ferramenta que veremos mais adiante: a iconografia. Esta apresenta ricas possibilidades de visualização, não somente para a periodização e cronologia da experiência, mas também para outros aspectos.

**É importante adotar a pedagogia da construção coletiva de uma Linha do Tempo**, seja qual for a visualização escolhida e projetada. Isso facilitará a reapropriação crítica da experiência, pelo grupo, enquanto sujeito coletivo que a tenha vivenciado, de modo que ele redescubra e fortaleça sua identidade, reprojetoando seu futuro e gerando – dessa forma – novos conhecimentos e saberes.

### O MAPA DE IDEIAS OU MAPA MENTAL

Pode ser um ótimo instrumento para se projetar as perguntas provocadoras – conforme previsto no método de Oscar Jara – ou para

proceder à montagem do plano de um processo de sistematização, com respectivos objetivos, objeto, metodologia, cronograma e produto final.

O MAPA DE IDEIAS ou, como é mais conhecido, MAPA MENTAL, é uma preciosa ferramenta de aprendizagem e apresentação de acúmulos de conhecimentos ou organização de um debate. Esta ferramenta favorece a sistematização e visualização das conexões e inter-relações entre idéias e conceitos.

Nossa mente não trabalha de forma linear; ela funciona em formato “radiante”, pois dispara informações e ideias para todos os lados. É por isso que o Mapa Mental se chama assim. O criador do Mapa Mental foi o inglês Tony Buzan, que pesquisou as anotações de vários gênios, entre os quais Leonardo da Vinci e descobriu que nenhum deles fazia anotações lineares.

### PARA QUE SERVE UM MAPA MENTAL?

O Mapa Mental é muito útil para se fazer sistematizações mais rápidas, durante ou depois de uma discussão, possibilitando uma boa apropriação dos principais aspectos abordados. Após sua elaboração poderá ser transcrito ou impresso sem nenhuma alteração ou transformado em texto mais explicativo e detalhado.



## AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DE UM MAPA MENTAL

Em geral busca-se construir Mapas Mentais com pouco texto, muitas imagens e cores, seguindo a lógica de causa-efeito, focalizando e visualizando ideias centrais, mas favorecendo – ao mesmo tempo - a compreensão e localização de aspectos secundários relacionados com os principais.

Em muitas ocasiões não se dispõe de suficiente tempo e de instrumentos de apoio (pincéis coloridos, quadro branco grande...). Além disso, acontece com frequência que a urgência da cobrança desse instrumento - no decorrer de um encontro ou oficina - acaba impondo a utilização de muitas palavras, poucas imagens e apenas uma cor. Isso não é certamente o ideal, mas apenas o que foi possível fazer naquela ocasião.

Mesmo reconhecendo esses limites, o mais importante é se assegurar o principal requisito de um mapa: a capacidade de focar e visualizar ideias centrais, suas conexões internas, com aspectos secundários, não só a partir da lógica de causa-efeito, mas também tendo como referência outras categorias de análise e compreensão conceitual.

## COMO CONSTRUIR UM MAPA MENTAL

Para a construção de um bom mapa mental é necessário seguir algumas orientações, por mais simples que possam parecer:

**Escrever do centro para fora:** escreva as informações a partir do centro de uma folha de papel ou de um quadro branco. No centro deve-se escrever o título do Mapa Mental. Será do título que saem as demais informações escritas, sempre fazendo conexões entre tudo que se escreve.

**Usar, na medida do possível, apenas palavras-chaves:** Escrever o que é realmente mais importante. A escolha das palavras-chaves deve ser bem pensada, pois elas deverão resumir questões bem mais abrangentes do que uma simples palavra possa normalmente conseguir expressar.

**Usar imagens e símbolos:** As imagens valem mais do que muitas palavras, pois cada imagem favorece maior compreensão, ilustrando melhor as ideias. Não é preciso ser bom desenhista ou pintor, basta rabiscar ou inventar a imagem que lembre a ideia: uma garrafa, uma bola, um sol, círculos concêntricos, uma casa, uma seta, uma interrogação.

**Escrever de forma bem legível:** não estamos escrevendo apenas para nós mesmos, mas para sermos compreendidos por outras pessoas. É bom sempre se lembrar disso. Esse lembrete implicará em muitos cuidados, inclusive naqueles relacionados com a escolha do tamanho da letra, da “arte gráfica final”, assim como outros aspectos.

**Fazer todas as conexões:** Ter o cuidado para não deixar nada isolado. Estabelecer sempre relações. Às vezes não sabemos bem com quais relações estamos lidando, mas ao escrever as coisas vão ficar mais claras. Se for preciso, se apaga o que se escreveu no começo e se recomeça de novo. O pensamento da gente não é linear: ele avança, recua, faz saltos, depois vai de lado.

**Usar cores, de modo que apareçam as diferenças entre as palavras:** As palavras não assumem sempre o mesmo peso e significado. As cores e o tamanho das letras podem ajudar a fazer essas diferenças. Um mapa colorido será certamente mais fácil de ser interpretado.

### PARA FAZER EM GRUPO:

*Construir uma Linha do Tempo sobre a participação de cada integrante do grupo na economia solidária, identificando o momento e o fato que levou a ingressar na ES. Criem uma periodização para a linha a partir das datas apresentadas por cada pessoa.*

*Construir o Mapa Mental das ferramentas apresentadas neste Caderno, explicitando os cuidados principais para cada uma delas.*

### DIÁRIO DE CAMPO E ENTREVISTA

O **Diário de Campo** pode ajudar a recuperar a memória, registros e o levantamento documental de uma experiência vivenciada. Resumiremos, a seguir, alguns pontos importantes que não podem faltar num bom Diário de Campo:

**Informações gerais:** Anotar, logo no início da página, alguns dados gerais, como data, lugar onde se realiza a observação e a hora do acontecimento.

**Cuidados com a descrição:** É bom fazer uma descrição do que se observou e não apenas do que aconteceu. Anotar, na medida do possível, tudo o que se considerar conveniente para se compreender o que se passou: ambiente físico e sócio-econômico; aspectos relativos ao perfil das pessoas envolvidas: linguagem utilizada, forma de se vestir, idade.

**A explicitação de interpretações:** Buscar explicitar interpretações críticas do fato ou das ações, identificando causas, evolução e possíveis consequências.

**A explicitação de dúvidas e perguntas:** Anotar dúvidas e perguntas para esclarecimentos ou para eventuais descobertas que ainda possam ser feitas refletindo-se sobre o assunto.

**Algumas observações finais:** Não deixar as anotações nunca para depois e não usar o Diário de Campo para outras anotações pessoais.

Num processo de acompanhamento a uma experiência da economia solidária, não será necessário, toda vez, anotar tudo o que se listou acima. Nas primeiras vezes será conveniente anotar mais coisas; depois bastará acrescentar eventuais novos aspectos.

A **entrevista semi-estruturada** pode ser utilizada tanto no trabalho de campo como na fase da construção de narrativas interpretativas da experiência. É chamada “semi-estruturada”, porque prevê somente um núcleo de perguntas abertas, capazes de estimular respostas, que - por sua vez - exigirão do/a entrevistador/a a capacidade de formular novas perguntas, não previstas antes da entrevista. Afinal, quem fizer a entrevista deverá desenvolver a boa habilidade de dirigir perguntas que não seja possível se prever antes.

Este tipo de entrevista é diferente daquele que contempla perguntas fechadas, todas formuladas anteriormente, podendo ser subsidiadas por um questionário escrito.

Um primeiro desafio, para quem fizer a entrevista, é ajudar a compreender que não se trata de um interrogatório, mas de uma oportunidade que as pessoas entrevistadas passam a ter para expressarem não apenas seus conhecimentos e opiniões, mas também seus sentimentos e saberes, isto é, como sabem fazer “o pão” e outros produtos de seu trabalho ou meio de sobrevivência; como convivem com os vizinhos, como educam os filhos; como se divertem. Os conhecimentos, opiniões, sentimentos e saberes a serem explicitados deverão se relacionar com os objetivos da sistematização.

### TABELAS, PLANILHAS E QUADROS DEMONSTRATIVOS

Estes são instrumentos que servem para se tecer análises críticas da experiência vivenciada, de acordo com os aspectos que se queira priorizar: socioeconômico, socioambiental, produtivo, de comercialização. Trata-se de instrumentos que favorecem a organização e o cruzamento de informações. Podem ser montados no início do processo de sistematização e aprimorados no andamento, a depender das informações coletadas e das análises pretendidas.

As planilhas ou tabelas são utilizadas como instrumentos para registro e organização de informações diversas, durante o “trabalho

de campo”, contribuindo no apoio à sistematização de conhecimentos e saberes presentes na experiência.

Existem dois tipos de tabelas ou quadros demonstrativos:

**Tabelas de uma entrada:** Evidenciam informações distintas e complementares. Por isso, a entrada pode ser horizontal (em linhas) ou vertical (em colunas). São as mais simples de serem construídas

Exemplo de tabela de uma entrada

#### Apoio de uma instituição a organizações populares

Organizações populares apoiadas	Período (desde... até...)	Formas de apoio e de acompanhamento	Resultados esperados	Resultados alcançados

**Tabelas de duas entradas:** Favorecem o cruzamento de informações entre linhas e colunas, que devem ser inter-relacionadas no processo do trabalho de campo e de interpretação da experiência. Apresentam uma entrada vertical e outra horizontal. São mais complexas e exigem maiores cuidados em sua formatação, preenchimento e análise interpretativa.

Exemplo de tabela de 02 entradas

### Entradas e saídas de trabalhadoras (es) de um empreendimento

EQUIPES	NOMES	TEMPO DE CASA			MOTIVO DE SAÍDA
		ENTRADA	SAÍDA	TEMPO DE PERMANÊNCIA	
EQUIPE DA MATA					
EQUIPE DO AGRESTE					
EQUIPE DO SERTÃO					
EQUIPE ADM.					

As planilhas, quadros demonstrativos ou tabelas oferecem muitas vantagens:

Elas ajudam a colher dados de forma concentrada e sintética, evitando longas descrições: condensam informações e textos.

Facilitam a interrelação e análise de dados relacionados com várias dimensões: cronológica, econômica, política, cultural, socioambiental.

Favorecem o confronto de informações.

Propiciam a classificação e sistematização de dados.

Auxiliam no processo pedagógico de aprendizagem.

Contribuem na construção de análises e sínteses.

Facilitam uma rápida visualização de informações.

Facilitam uma maior agilização na localização e uso de informações coletadas.

Apesar das vantagens, as tabelas podem ter limites, decorrentes de sua construção ou do uso incorreto das informações ou do cruzamento que oferecem. Em síntese podemos ressaltar dois limites:

Não isentam da necessidade de se fazer uma análise qualitativa e mais completa dos dados coletados.

Se as planilhas não forem bem montadas, pode correr o risco de fragmentação, do uso departamentalizado das informações e da inadequação dos cruzamentos propostos. Este último limite se refere principalmente às planilhas de duas entradas.

A construção de planilhas e tabelas é uma arte que se aprende aos poucos. Vale à pena explicitar algumas recomendações básicas que devem ser levadas em conta na hora de construí-las:

- O título deve auxiliar o leitor a compreender rapidamente o foco dos conteúdos do quadro demonstrativo.
- Notas de rodapé devem ser utilizadas visando explicações relevantes e necessárias para a compreensão das informações visualizadas.
- Para se evitar o risco de fragmentação dos dados, principalmente para as tabelas de duas entradas, se aconselha que as tabelas sejam sempre acompanhadas pela sinalização de uma breve leitura interpretativa, que contribua na análise integrada dos dados que aparecem cruzados entre colunas e linhas.

### PARA FAZER EM GRUPO:

*Montar o Roteiro de uma Entrevista Semi-Estruturada para uma entrevista com um empreendimento da região ou que esteja presente no grupo que está estudando este Caderno.*

*Preparar o Diário de Campo sobre os momentos de estudo coletivo deste caderno ou sobre uma reunião do Fórum de Economia Solidária. Depois do exercício de registro no Diário, socializar as anotações e explicitar observações críticas.*

*Montar um Quadro Demonstrativo das principais conquistas, fragilidades e lições apreendidas, identificadas numa experiência de economia solidária: um empreendimento, o coletivo de educadoras-es...*

### ICONOGRAFIAS

A busca de uma imagem unificadora – ícone ou iconografia - pode gerar outra ferramenta interessante. Um exemplo é o método do “Trem da Sistematização”, que apresentamos no início do Caderno. Algumas recomendações:

**Escolher uma imagem que dialogue com a linguagem e o cotidiano das pessoas** diretamente envolvidas na experiência a ser sistematiza

da: Com agricultores-as, por exemplo, poderá ser mais conveniente usar a imagem da terra ou outra ícone da vida rural: uma planta, uma casa como aquela onde eles moram. A definição da IMAGEM deve ser quase que um diagnóstico do imaginário coletivo.

### Explorar todas as possibilidades que a imagem possa oferecer:

Procurar encontrar o significado que, por exemplo, numa árvore, possa ser atribuído às raízes, aos galhos, ao tronco. Não deixar nada de fora.

### Assegurar a construção coletiva de todos os passos da iconografia

acerca do saber coletivo sobre a experiência a ser sistematizada, desde sua escolha e idealização, até sua construção manual e interpretação final: Todos serão convidados/as a “meter a mão na massa” para recortar e colar o papel que vai virar o telhado da casa, para escrever as tarjetas que serão afixadas em cima de cada ponto do retrato até a discussão acerca do significado de cada símbolo.

### Assegurar a manutenção do foco

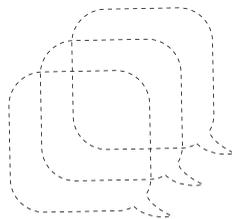
da sistematização dentro da construção de sua interpretação, evitando que a imaginação suscitada pela iconografia afaste as pessoas da experiência de referência.

### MAPA TERRITORIAL

Os mapas territoriais, com suas várias vertentes e temáticas, são ferramentas recomendadas, sobretudo, na fase da visão diagnóstica

de um plano de sistematização. Um mapa territorial mais geral poderá se desdobrar em **várias temáticas ou mapas específicos**. **Por exemplo, mapas que apresentem as dimensões do Desenvolvimento Solidário Sustentável e Territorial: ambiental, social, cultural, econômica e política**. Ou, ainda, outros mapas como:

- mapa de recursos naturais
- mapa da comunidade
- mapa de uma propriedade
- mapa de fluxos econômicos
- mapa da migração
- mapa da situação futura



Os mapas podem ajudar a reconstruir o contexto da experiência e a apontar os impactos socioeconômicos e ambientais que foram gerados pela experiência. Esta ferramenta pode, a partir destes dados, favorecer a projeção de novos passos ou de seu redirecionamento estratégico da experiência.

Para cada dimensão acima lembrada poderá ser desenhado um mapa específico, por várias equipes ao mesmo tempo ou pela mesma equipe em tempos diferentes. Para confeccionar tais mapas, pode ser utilizado o material mais simples possível: folha grande de papel, lápis, pincéis, giz de cera ou qualquer tipo de material (pedras, paus, sementes), no chão.

Algumas sugestões do que pode ser localizado num mapa:

**De recursos naturais:**

-Rios, estradas, limites da comunidade. Além disso, poderão ser incluídas outras sinalizações: canais de irrigação, vegetação e tipos de solos.

**Da comunidade:**

Poderá visualizar a distinção entre zona urbana e zona rural.

**De uma propriedade:**

Poderá apontar a terra dos agricultores e as terras dos grandes fazendeiros, evidenciando as diferenças.

**Da migração:**

Poderá mostrar entradas e saídas de um território feitas pelos (as) participantes da sistematização, fazendo um gráfico. Indicará de quais lugares vieram as famílias que moram na comunidade, atualmente. Evidenciará, também, para onde foram várias famílias que moravam na comunidade há muito tempo. Será conveniente explicitar os motivos das saídas e das entradas.

**De fluxos econômicos:**

Podem se identificar vários mecanismos de gestão utilizados para a entrada e saída de dinheiro, os insumos e matérias primas utilizadas para o trabalho. Pode se identificar quanto vai para fundos coletivos, quais fundos existem, quais os consumidores, os fornecedores. Num fluxo econômico pode também estar mostrando como se realiza a formação dos preços dos produtos e outros circuitos de recursos.



**Da situação futura:**

Terá a finalidade de gerar uma discussão acerca das ameaças e oportunidade no futuro. Para isso valorizará bem as informações postas nos mapas anteriores e acrescentará outras projeções. Este mapa instiga à projeção futura diante de ameaças e oportunidades, e frente a isso a sistematização pode ajudar a pensar quais as diferentes opções dos grupos, ou comunidades.

É conveniente que a confecção de cada mapa possa se apoiar em algumas perguntas previamente formuladas. Por exemplo: Onde a gente joga o lixo, atualmente? Como gostaríamos que esse terreno fosse usado no futuro?

**PARA FAZER EM GRUPO:**

*Escolher um dos mapas sugeridos acima e construí-lo junto como grupo que está fazendo o estudo deste caderno.*

*Produzir uma iconografia que represente a experiência de fazer o estudo sobre sistematização em grupo.*



**CONCLUINDO:  
UNIDADE NA DIVERSIDADE**

Os referenciais que apresentamos principalmente na primeira parte deste Caderno de Formação são fruto das distintas caminhadas daquelas-es que participaram dos projetos Brasil Local e CFES Nacional. Estes referenciais expressam a busca pelo fortalecimento das organizações populares e da luta pelo projeto da Economia Solidária. O desafio que se colocou na trajetória dos dois projetos, que é o desafio da própria economia solidária, está na possibilidade de que nossa unidade cresça cada vez mais, em torno de propostas para uma sociedade justa e solidária. E uma estratégia para consolidarmos o projeto de desenvolvimento solidário, sustentável e territorial está em continuarmos gerando uma diversidade de práticas e vivências da Economia Solidária.

Em nossa concepção político-pedagógica, a diversidade é uma exigência, para evitarmos que a “padronização modernizadora” que nivela tudo a uma única alternativa, levando a uma hegemonia castradora. É uma exigência também para assegurar a concretização do princípio eco-sustentável: quanto mais diversidade, mais complexidade, mais possibilidades de desenvolvimento! Se essas afirmações forem assumidas também no trabalho de sistematização, poderemos caminhar para assegurar processos de convergência, que tenham como base nosso Projeto Político Pedagógico, no qual a autogestão e a educação popular são nossas referências.

A experiência dos projetos Brasil Local e os CFES Nacional, que foram implementados pela Cáritas Brasileira, no período de 2009 a 2012,

nos permite indicar outros desafios que encontramos quando nos propomos a sistematizar experiências:

Reconstruir a sistematização de forma que não se encaixe no sistema hegemônico: Trata-se de assegurar a implementação de uma sistematização processual, que não aconteça somente ao final de uma experiência. Uma sistematização voltada para a socialização primeiramente para quem é da própria experiência sistematizada. Que o trabalho de sistematizar tenha um foco bem definido, capaz de gerar, com novas sistematizações, sempre novos focos. Afinal, é o desafio de unir trabalho com educação, trabalho com política: o desafio de articular saberes;

Refletir criticamente sobre o trabalho na economia solidária: Na ES muitas vezes estamos no nível da luta pela sobrevivência e a sistematização fica parecendo um sacrifício. Parece algo além do trabalho cotidiano, que já é muito intenso e com baixa remuneração. Alcançar condições onde o trabalho e a reflexão crítica estejam no mesmo chão e seja realizada por todas-as trabalhadoras-as associadas-os, este desafio é da própria ES;

Contribuir para a sustentabilidade dos empreendimentos: A sistematização é uma ferramenta que precisa contribuir para a sustentabilidade dos empreendimentos, na medida em que as/os trabalhadoras-as se apropriarem de seu trabalho e identificarem os próximos passos do projeto que estejam gestando;

Sistematizar considerando demandas, tempos e condições para realizá-la: Quais recursos temos para garantir a sistematização? Como vamos utilizá-los? Há recursos para garantir o apoio de um-a educador-a externo à experiência para apoiar na sistema-

tização? Como os empreendimentos podem fazer a sistematização no decorrer de suas atividades? Como realizar atividades de formação que contribuam com este processo?;

Transformar nossa vivência de cultura oral em efetiva sistematização de experiência: No Brasil temos uma cultura predominantemente oral, pois o processo de alfabetização é recente. Como vamos transformar esta nossa vivência de oralidade em sistematização?;

Refletir criticamente sobre a prática pessoal e a dos outros, para fazer vir à tona o novo;

Definir os princípios orientadores que possam garantir a base para nossos trabalhos, a partir da prática de cada individual e coletiva.

Esperamos que as ações dos projetos Brasil Local e CFES Nacional tenham contribuído para consolidarmos a economia solidária, a partir das experiências vivas, de prática e reflexão. Desejamos que a unidade e a diversidade caminhem juntas. Tanto na Rede Cáritas, como em todas as instituições, organizações e movimentos comprometidos com um mundo justo e solidário.



## PARA SABER MAIS SOBRE SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS

Listamos, a seguir, livros e documentos consultados para a elaboração deste Caderno que poderão servir para estudos e aprofundamentos do tema.

AS-PTA, PATAAC, Polo Sindical e das Organizações da Agricultura Familiar da Borborema, Coletivo Regional Cariri, Curimataú e Seridó Paraibano. **Cordel do Fundo Solidário, Gerando Riquezas e Saberes**. Campina Grande, 2011.

BERTUCCI, Ademar de Andrade; SILVA, Roberto Marinho Alvez (Org.) **20 Anos de Economia Solidária Trajetória da Cáritas Brasileira: dos PACs à EPS**. Brasília, 2003. 1ª edição.

CÁRITAS Brasileira. **Revista Prêmio Odair Firmino de Solidariedade 2010**. Brasília, 2011.

CÁRITAS Brasileira. **Sistematização de experiências em Economia Solidária: referenciais comuns, práticas diversas**. Consolidação das conclusões do Seminário Nacional sobre Sistematização – 2º Módulo, realizado pelo Centro Nacional de Formação em Economia Solidária, de 25 a 29 de abril de 2011, em Brasília.

CENTRAL Única dos Trabalhadores. **Projeto de Sistematização - Um ato de criação política e de conhecimento**. Caderno 2: Secretaria Nacional de Formação CUT, São Paulo: 2000.

CENTRO de Assessoria Multiprofissional. **Relatório Final - Sistematização de Experiências de Formação para a Capacitação em Economia Solidária no Rio Grande do Sul, Porto Alegre: CAMP, 2007.**

CORCIONE, Domenico. **ONGs: Repensando sua prática de Gestão, Planejamento, Monitoramento, Avaliação e Sistematização**. São Paulo: ABONG, 2007.

FALKEMBACH, Elza. **Sistematização, uma arte de ampliar cabeças**. Brasília: 2008. Seminário Nacional de Sistematização e Publicização Convênio MTE/SPPE/CODEFAT n. 004/2007.

JARA, Oscar. **Para sistematizar experiências**. João Pessoa: UFPB/ Equip, 1996.

SANTOS, Ailton Dias dos. **Sistematização de Experiências em Economia Solidária**. Brasília: Instituto Marista de Solidariedade, 2009. Caderno 2, Série Ecosol.

SANTIBÁÑEZ, E.; M.E. CARCAMO. **Manual para la sistematización de proyectos educativos de acción social**. Santiago-Chile: CIDE, 1996.

SOUZA, João Francisco. **Sistematização, um instrumento pedagógico nos projetos de desenvolvimento sustentável**.

VERDEJO, Miguel Exposito. **Guia Prático de Diagnóstico Rápido Participativo**. Brasília: MDA, 2006.



## PÁGINAS NA INTERNET

Brasil Local:

<http://brasillocal.org.br>

Cáritas Brasileira:

<http://www.caritas.org.br>

Centro Nacional de Formação em Economia Solidária - CFES Nacional:

<http://www.cirandas.net/cfes-nacional>

Conselho de Educação de Adultos da América Latina:

<http://www.ceaal.org/>

Fórum Brasileiro de Economia Solidária:

<http://www.fbes.org.br>

Secretaria Nacional de Economia Solidária:

[http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/secretaria\\_nacional.asp](http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/secretaria_nacional.asp)

